

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

LIBERTÁRIOS: A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM GAY NO JORNAL “O LAMPIÃO DA ESQUINA”

Oscar Nucci; oscar.nucci@gmail.com¹

Juliana Doretto; juliana.doretto@puc-campinas.edu.br (orientadora)²

RESUMO

Considerado o primeiro jornal LGBTQIAP+ do Brasil, o “Lampião da Esquina” circulou pelo país inteiro de 1978 a 1981. Com o objetivo de tirar a comunidade gay “do armário”, a publicação criada por onze homens gays estampou em suas páginas pautas e discussões sobre a comunidade LGBTQIAP+ enquanto a Ditadura Militar ainda vigorava no país. A partir de uma revisão bibliográfica, pretendemos mostrar como o homem gay era representado nas páginas do “Lampião”. Apesar de ter conseguido um grande impacto pelo país, com leitores espalhados em diversas regiões do país, o jornal não conseguiu debater as vivências dos diferentes homens gays, especialmente os de classes mais baixas. A seção de cartas, no entanto, deixou ver outras representações da homossexualidade masculina.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa gay. Lampião. Representação. LGBTQIAP+.

1. INTRODUÇÃO

O jornal “O Lampião da Esquina” teve sua edição número zero lançada em abril de 1978. Logo em suas primeiras páginas, o primeiro editorial da publicação levava o título “Saindo do gueto”. E, nas primeiras linhas do texto, lia-se: “Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma liberalização do quadro nacional [...] Mas um jornal homossexual, para quê?” (Quinalha, 2021, p.3).

“Lampião da Esquina” foi um periódico mensal ininterrupto, voltado ao público LGBT, que durou de abril de 1978 a junho de 1981, e era editado e publicado no Rio de Janeiro. A homossexualidade e a forma como esta era vista no país eram um tema de interesse dos criadores do jornal: Adão Costa, Agnaldo Silva, Antônio Chrysóstomo,

¹ Jornalista, graduado pela PUC-Campinas.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Professora do curso de jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas.



Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittercourt, Gasparino Damata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry (Brito, 2016, p. 20).

A própria escolha do nome do jornal já ecoava a mensagem que seus criadores queriam transmitir em suas 37 edições. Moretti-Pires; Tesser Junior e Kovalski (2018, p. 2) associam a definição de “esquina” como um lugar de encontro entre pessoas, e trazem isso ao papel do periódico no período ditatorial no país. E associar a imagem do cangaceiro Lampião a um jornal LGBT surgiu como uma forma de intrigar os leitores, como explicou Agnaldo Silva em uma matéria da revista Isto É: “[...] o que me agrada é Lampião. [...] um jornal de bicha com nome de cangaceiro? Segundo, pela ideia de luz, caminho etc. [...] Lampião um personagem até hoje não suficientemente explicado: [...] não saiu das sombras (Isto É, 1977 apud Brito, 2016, p. 21).

Em 1981, o “Lampião” foi encerrado por uma série de fatores, como concorrência, déficit financeiro e desavenças de ideias entre os editores, conforme explicou João Silvério Trevisan para Flávia Perét:

Por um lado, questões financeiras, mas, por outro, certo esgotamento ideológico. Não de ideias, mas ideológico. Quer dizer, nós começamos a ter a concorrência da grande imprensa, e o jornal estava ficando medíocre, com capas muito chamativas. O número mais político foi o que menos vendeu e isso me aborreceu extremamente. Eu fui para o Rio em determinada ocasião, disposto a impedir que o jornal continuasse, porque os problemas estavam demasiados e o custo-benefício não estava a gosto. Então propus que o jornal terminasse, sob o pretexto de que, de fato, o Lampião já tinha cumprido a sua função naqueles três anos (Péret, 2011, p. 126 apud Brito, 2016, p. 22).

Porém, mesmo com sua curta trajetória, o “Lampião” deixa um legado para história do país. Vale ressaltar que se tratou de um jornal que abordava assuntos LGBT enquanto o regime militar ainda era vigente no país, ainda que durante a abertura política da ditadura promovida por Geisel (entre 1974 e 1979) e Figueiredo (entre 1979 e 1985). Ou seja, a liberdade da imprensa estava em gradual e lento retorno. Mas, para um jornal que feria a “boa moral e costumes” dos militares, a repressão era certa (Brito, 2016, p.17).

Outro marco do “Lampião” foi a alteração da forma que a mídia nacional via os homossexuais. Na época de sua publicação, homens gays eram representados como



“doentes, revertidos e anormais” (Brito, 2016, p. 22), enquanto o jornal se preocupava em tratar esses sujeitos de forma mais ampla e plural, abordando temas desde denúncias de casos de homofobia a entrevistas com personalidades abertamente da comunidade LGBT.

Em relação a isso, Trevisan pontua que a forma pela qual a mídia nacional retrata homossexuais e pessoas da comunidade LGBTQIAP+ não é constante, e pode receber cargas mais ou menos positivas, a depender do contexto: Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as circunstâncias (Trevisan, 2018, p.17).

Tendo isso em vista, nesta pesquisa, fruto de um trabalho de conclusão de curso, buscamos por meio de revisão bibliográfica compreender como a figura do homem gay era representada no jornal “O Lampião da Esquina”. Para isso, primeiramente, discutimos os conceitos de gênero e sexualidade. Em um segundo tópico, tratamos da história do “Lampião da Esquina”, desde sua criação até seu conturbado encerramento. E, por fim, evidenciamos a forma que os homens gays eram estampados nas páginas do “Lampião”.

2. METODOLOGIA

De acordo com Gil (2002, p.8), uma pesquisa pode ser definida como um processo racional e sistemático que objetiva dar respostas a problemas levantados. Ainda segundo com o autor, para formular um projeto de pesquisa, é necessário: especificar o objetivo do trabalho, definir o modo como ele será realizado e determinar a forma como os dados serão coletados, e conseqüentemente, analisados.

Para realizar esta pesquisa, o método utilizado foi a revisão bibliográfica. Trata-se do processo que se inicia com a busca, obtenção e categorização de bibliografia pertinente de um determinado assunto e que se encerra com a produção de um texto que evidencie o que foi encontrado neste processo, bem como as próprias conclusões do autor sobre o que foi levantado (Stumpf, 2011, p. 51).

O início de uma pesquisa bibliográfica, assim como o de qualquer projeto de investigação, começa com um problema formulado na forma de uma pergunta (Barros;



Junqueira, 2011, p. 42). Após a definição do questionamento a ser abordado, a coleta de bibliografia a ser consultada é feita por meio de palavras-chave ou de uma lista de termos relacionado ao tema tratado na pesquisa (Stumpf, 2011, p. 55).

Uma das principais vantagens de realizar uma pesquisa bibliográfica é a fato de que o pesquisador pode se deparar com uma diversidade de ideias que, se estivesse realizando uma pesquisa direta sobre o questionamento formulado, não atingiria (Gil, 2002, p. 45). Isso acontece por conta da consulta da bibliografia de diversos autores por parte do pesquisador.

Vale pontuar também que existe uma diferença entre a pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e revisão de literatura. A pesquisa bibliográfica, definindo novamente, é o processo de ler e revisar textos que já existem sobre determinado assunto e ao final produzir um novo produto. A revisão de literatura já está implícita no processo da pesquisa bibliográfica, já que é uma etapa para produzir o texto final, com novos apontamentos ao campo científico (Telles; Assumpção, 2022, p. 151). A diferença entre uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental são seus objetos de estudo. Esta última está mais voltada para a análise de documentos, como jornais e revistas, enquanto a pesquisa bibliográfica apoia-se em trabalhos acadêmicos (Telles; Assumpção, 2022, p. 152).

Assim, para realizar este projeto de pesquisa foram consultadas bibliografias disponíveis nas plataformas Google Acadêmico³ e Scielo⁴, pesquisando termos-chave como: “representação homossexual imprensa”; “imprensa LGBT Brasil”; “Lampião da Esquina”; “representação homossexual mídia”. A partir das referências dos textos levantados nessas pesquisas, encontramos outras obras que compuseram o trabalho.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Gênero e sexualidade

Uma das principais definições da palavra “sexo” é como algo biológico, referente à genitália de uma pessoa em seu nascimento. A partir desta constatação anatômica,

¹ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>

² Disponível em: <https://www.scielo.br/>



caracterizou-se o “sexo” de alguém de forma dicotômica: masculino ou feminino (Silva, 2007, p.121). No entanto, o termo se confundia com o gênero, como se fossem sinônimos. Alguns pesquisadores, como Camargo e Neto (2017, p.165), apontam a origem da dissociação da palavra “gênero” de “sexo” na segunda onda do movimento feminista, que ocorreu por volta da década de 60. Nessa época, as mulheres começaram não apenas a reivindicar direitos iguais aos homens para além do voto, mas também a desenvolver teorias feministas ligadas sobretudo à liberação sexual (Colling, 2018, p. 14).

Porém, essa discussão já estava sendo feita décadas antes, ao final de 1940. Isso porque Simone de Beauvoir lançava sua obra “Segundo sexo” no ano de 1949, e já questionava essa associação entre a gênero e sexo. Ao construir a frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, a filósofa depreende que sexo se refere ao biológico, e o gênero é fruto de vivências, de cultura (Colling, 2018, p. 23).

Anos depois, na década de 1990, a pensadora Judith Butler irá concordar, com ressalvas, com o pensamento de Beauvoir. Para Butler, a sociedade sempre definiu o gênero de uma pessoa a partir de seu sexo. A famosa frase da pensadora francesa, no entanto, dá a entender que em algum momento o corpo da mulher não tinha gênero, e isso foi construído. Butler discorda com essa afirmação, pois, para ela, o gênero feminino é imposto pela sociedade quando se nasce com o sexo biológico feminino desde tempos remotos (Colling, 2018, p. 23).

Butler ainda vai além, ao pensar na associação entre gênero e desejo sexual. Para a pensadora, a sociedade impõe que, se a pessoa tem um determinado sexo biológico, ela terá determinado gênero e apenas poderá ter relações sexuais com pessoas de um sexo oposto ao seu (Colling, 2018, p.29) — processo chamado de heteronormatividade. Esta visão determinista entre sexo e gênero apontada por Beauvoir e Butler, que segue presente em nossa sociedade, concretizando-se em preconceitos, não abarca obviamente a pluralidade de identidades de gênero vividas pelos sujeitos, que vão além do binarismo de masculino e feminino. Além das pessoas transsexuais, que não se



identificam com seu sexo biológico, temos ainda as não binárias⁵, as de gênero fluido⁶ e as travestis⁷, uma nomenclatura exclusiva da América Latina, entre outras.

O filósofo Michael Foucault já teorizava sobre esses conceitos nas décadas de 1970 e 1980. Para o autor, apesar de a sexualidade ser um dispositivo que permite com que os indivíduos se identifiquem, e assim, se tornem mais conscientes de si mesmos, ao mesmo tempo se tornam mais vulneráveis às convenções sociais. Seus corpos, assim, são oprimidos pela força da heteronormatividade e do binarismo de gênero. Esse poder pode ser visto em forma de legislação, mas também como repressão ou censura, que pode vir do Estado ou até dos pais para uma criança (Foucault, 1994, 1982, p. 227 apud Cirino, 2007, p. 82).

Com a amplitude da compreensão sobre as diferentes sexualidades e gêneros na sociedade contemporânea, as principais discussões sociais passam a girar em torno dos indivíduos marginalizados por essa imposição da heterocisnormatividade (Fernandes et al., 2015, p.16). Porém, Trevisan (2018, p.17) pontua que a comunidade LGBTQ+ não deixa de ser alvo constante de discursos de ódio que acusam de perigosas as pessoas que não se compreendem a partir do gênero ou sexualidade impostos pela sociedade heteronormativa.

Em síntese, as diversas vivências homossexuais são compreendidas socialmente como uma única identidade, que atenta contra a “manutenção dos valores e da moralidade responsáveis por uma ordem e visão de mundo” (Miskolci, 2007, p. 105 apud Oliveira, 2018, p. 19). Oliveira (2018, p. 19) ainda ressalta que essas mesmas pressões sociais fazem com que a heterossexualidade seja vista como a “normalidade”.

⁵ Pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino nem com o feminino. In: DICAS para atender bem turistas LGBTQIA+. **Ministério do Turismo**. Brasília. 2022. Acesso em: 5 jun. 2023.

⁶ Pessoa com uma identidade de gênero variável. In: TRANSGÊNERO, fluido, intersexual: as novas palavras do léxico de gênero. **Carta Capital**, [S. l.], 12 out. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/transgenero-fluido-intersexual-o-novo-lexico-dos-generos/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

⁷ Nomenclatura exclusiva da América Latina para designar pessoas do sexo biológico masculino que se identificam com o gênero feminino. In: DICAS para atender bem turistas LGBTQIA+. **Ministério do Turismo**. Brasília. 2022. Acesso em: 5 jun. 2023



A sociedade faz com que o “hétero” e o “cis” sejam compulsórios aos indivíduos justamente por conta dessa “normalidade” alegada.

Schultz e Barros (2014, p.52) pontuam que isso se reflete na mídia. A imposição dessa heterocisnormatividade faz com que homens gays sejam sempre tratados como figuras femininas, descartando as diversas sexualidades e identidades de gênero. Essa leitura do homem gay como feminino também tem ligação com o fato de o estereótipo do homem homossexual estar sempre ligado à prática e desejo sexual.

3.2 O “Lampião da Esquina”

Ao entendermos que o jornalismo é fruto do espaço-tempo em que atua, e dessa forma consegue fazer parte dos processos sociais e históricos (Franciscato, 2003, p.13) acompanhando-os e neles atuando, para analisarmos a trajetória do Lampião da Esquina, é necessário nos debruçarmos no contexto histórico em que o Brasil estava na década de 70, quando surge a publicação aqui estudada.

O início dos anos 70 no Brasil foi marcado por uma série de manifestações por parte de movimentos estudantis e operários contra a Ditadura Militar, instaurada em 1964 (Ferreira, 2010, p. 2). Um exemplo disso foi a Passeata dos Cem Mil, um dos maiores atos contra a Ditadura no país, que tomou as ruas do Rio de Janeiro, em protesto contra a morte de um estudante⁸. A partir disso houve uma intensa repressão dos militares: o general Emílio Médici havia assumido o governo autoritário em 1969 e foi responsável pela criação de órgãos para reprimir movimentos sociais, como a Operação Bandeirantes⁹ e o DOI-CODI¹⁰ (Destacamentos de Operações e Informações-

⁸ A Passeata dos Cem Mil foi uma manifestação organizada pelo Movimento Estudantil que reuniu estudantes, artistas e membros civis para protestarem contra a Ditadura pelas ruas do Rio de Janeiro. O principal estopim para a manifestação foi o assassinato do estudante Edson Luís por um policial militar. In: NOGUEIRA, A. Passeata dos Cem Mil: Há 51 anos acontecia o grande ato contra a Ditadura Militar. Aventuras na História, [S.I], 26 jun. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-ha-51-anos-passeata-dos-cem-mil-grande-ato-contra-ditadura-militar.phtml> Acesso em: 6 set. 2023.

⁹ A Operação Bandeirante (também chamada de Oban) foi um centro de Inteligência e Operações criado pelos militares, com sede em São Paulo, e com o objetivo de dismantelar organizações contrárias à Ditadura Militar. In: NASCE a Oban, braço da tortura em SP. **Memorial da Democracia**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/nasce-a-oban-braco-da-tortura-em-sp> Acesso em: 1 set. 2023.

¹⁰ Os Destacamentos de Operações e Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) reuniam forças civis e militares a fim de reprimir todos aqueles que se opunham ao regime militar



Centro de Operações de Defesa Interna) (Santos, 2009, p. 106). Além disso, desde 1968, vigorava o AI-5, ato institucional que impunha censura em diversos veículos de comunicação (Péret, 2012, p. 45) e que durou uma década, até 1978.

Quando Ernesto Geisel assume a frente do governo antidemocrático, em 1974, um processo de abertura política da Ditadura começa a ser feito. Porém, a luta contra a Ditadura ainda se mostrava um pouco tímida, por conta da forte repressão do governo anterior. Em 1975, no entanto, o jornalista Vladimir Herzog foi preso, torturado e morto. O acontecimento foi um estopim para que o movimento estudantil e dos operários voltasse à ativa com manifestações, como a greve que aconteceu na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a greve da UFBA e a greve das Humanas na Unicamp. Além disso, o movimento estudantil voltou a ter tendências políticas vindas de organizações que, na época, ainda eram clandestinas (Santos, 2009, p. 107).

Ainda em 1975, também começa uma lenta suspensão da censura imposta aos veículos de comunicação pelo governo ditatorial. O primeiro jornal a se ver livre dessa restrição foi o Estado de S.Paulo. Porém, a chamada imprensa alternativa ainda ficou sob controle dos censores até 1978 (Habert, 1996 apud Ferreira, 2010, p. 2). Aqui, o termo “imprensa alternativa” refere-se àqueles veículos de caráter político que fugiam da ideia mercadológica adotada por grandes jornais (Ferreira, 2010, p.3), ou seja, a conformidade com a política dominante e busca pelo lucro (Barros, 2003, p. 63). Na época em questão, essas publicações alternativas denunciavam as torturas e violações aos direitos humanos promovidas pelos militares na Ditadura. Um exemplo era o jornal “Pasquim”, também da década de 70 (Bandeira, 2006, p. 52). Esse também era o caso do Lampião da Esquina.

A atuação dessa imprensa, de acordo com Barros (2003, p.63), surge do desejo dos movimentos de esquerda, como os já citados acima, das mudanças institucionais contra o governo militar, e do desejo de jornalistas e estudiosos de protagonizarem

vigente. In: DOI-Codi, a máquina de torturar e matar. **Memorial da Democracia**. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/doi-codi-a-maquina-de-torturar-e-matar> Acesso em: 1 set. 2023.



espaços que não fossem os grandes veículos, a fim de se colocarem em contraposição com as correntes políticas vigentes, que eram defendidas por essa mídia de maior alcance. Ainda de acordo com a autora, a principal influência para a imprensa alternativa dessa época foi o *new journalism* americano, que abordava questões de comportamento e da sociedade.

No fim de 1977, Winston Leyland, um jornalista e editor-chefe da revista americana *Gay Sunshine*, veio ao Brasil para conhecer escritores e artistas brasileiros, com o objetivo de realizar uma coletânea sobre literatura homoerótica na América Latina. Em razão disso, houve um encontro, organizado pelo advogado João Antônio Mascarenhas na casa do artista plástico Darcy Penteado, entre o norte-americano e intelectuais do movimento gay. Isso foi o estopim para a criação do *Lampião da Esquina*. Surgiu a ideia de um veículo que conversasse diretamente com os homens gays, inspirado no formato editado por Leyland (Péret, 2012, p.46).

É relevante frisar que, mesmo sendo o primeiro a ter circulação nacional, o “*Lampião da Esquina*” não é o primeiro jornal gay do Brasil. O “*Snob*” foi a primeira publicação abertamente homossexual brasileira e circulou de 1963 a 1969. Criação do pernambucano Agildo Guimarães, a minirrevista carioca trazia em suas páginas fofocas, concursos literários e artigos sobre beleza e moda (Péret, 2012, p. 19). Os próprios autores do *Lampião* chegaram a reconhecer o *Snob* como inspiração para o *Lampião*, quando o próprio Agildo mandou uma carta para o periódico dos anos 70.

O número zero do *Lampião* foi lançado em abril de 1978, e seu primeiro editorial levava o título de “*Saindo do Gueto*”. Esse texto já destacava a principal intenção do *Lampião* em seu momento inicial: tirar o homem gay da clandestinidade e quebrar a imagem que a comunidade tinha na época (Ferreira, 2010, p. 5). De acordo com o próprio editorial, o homem gay estava “nas sombras”; a imagem do homossexual era de alguém subversivo, ou até doente.

O subsídio para que o jornal continuasse publicando mais 37 edições ao longo de três anos veio da criação de uma editora chamada “*Lampião*” e de doações de alguns colaboradores (Ferreira, 2010; Perét, 2012). A publicação ainda trazia anúncios de boates e saunas, porém essas formas de contribuição não davam conta de sustentar o “*Lampião da Esquina*”. Por conta disso, a equipe do jornal também vendia livros com



temas homossexuais por encomenda. Apesar de a equipe do jornal não ser grande, a primeira edição do “Lampião” conseguiu o feito de ter 10 mil exemplares por todo o país, e custava 15 cruzeiros. Já o segundo número da publicação teve uma tiragem de 15 mil. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a própria equipe fazia parte da entrega dos jornais (Ferreira, 2010, p.9). Apesar da venda em bancas, o que realmente fazia o “Lampião” circular era o “boca a boca” em locais frequentados por homens gays como saunas e boates (Bandeira, 2006, p. 56).

Além disso, o a presença de colaboradores do “Lampião” em diversas localidades do país fez o alcance do jornal se expandir. Além de eventualmente escreverem textos para a publicação, esses profissionais também colocavam o “Lampião” à venda nas bancas. Segundo Pereira (2017, p.60), eram 55 colaboradores, que além de Rio e São Paulo estavam em Vitória, Florianópolis, Porto Alegre, Campo Grande, Teresina, Niterói, Jacareí, Campinas, Natal, Fortaleza, Salvador, Curitiba, João Pessoa, Campina Grande e Recife.

Em relação a quem lia do “Lampião”, pode-se ter uma ideia da abrangência do jornal por meio das cartas de leitores que eram publicadas na coluna “Cartas Na Mesa”. Ao longo dos três anos de duração do “Lampião”, 300 missivas foram publicadas (Bandeira, 2006, p.76). Grandes regiões como Campinas, Porto Alegre e Salvador abrigavam boa parte dos consumidores que escreviam ao periódico. Porém, áreas mais distantes e menos populosas, como Ceará Mirim, no Rio Grande do Norte, e Coronel Fabricio, em Minas Gerais, também tinham leitores do “Lampião” (Ferreira, 2010, p.10).

Outro destaque ainda vai para a coluna “Opinião”, em que os autores do jornal, representado pelo seu conselho editorial, podiam expressar suas ideias. Na segunda edição da publicação, o artista Darcy Penteado e o advogado João Antônio Mascarenhas publicaram textos. O primeiro escreveu “Homossexualismo: que coisa é essa?”, em que contestava médicos da época que afirmavam que ser homossexual era uma doença. E segundo foi intitulado “Assumir-se? Por quê?” e elencava os prós e contras de se declarar homossexual (Bandeira, 2006, p. 59).

A coluna opinativa do “Lampião” tornou-se objeto de resistência, principalmente dado o cenário político em que o Brasil se encontra na época. Nas



primeiras edições, muito se falava das lutas do movimento gay internacionalmente, já que ainda não havia grandes grupos políticos de direitos dos homossexuais aqui no Brasil (Pereira, 2017, p. 114).

Nas grandes reportagens do “Lampião”, notavelmente em suas primeiras edições, as minorias eram sempre trazidas à frente. Apesar de ser um jornal homossexual feito por 11 homens brancos, a realidade de mulheres lésbicas e trans, índios e negros também estampava as capas. Alguns exemplos eram: “Índios, eles eram puros, saudáveis e transavam numa boa, aí chegou o homem branco e então...”, “Lesbianismo, machismo, aborto, discriminação. São as mulheres fazendo política” e “Negros, qual o lugar deles” (Ferreira, 2010, p. 7).

Porém, o “Lampião da Esquina” não foi capaz de escapar das opressões da Ditadura. Em 6 de abril de 1978, um documento do Centro de Informações do Exército (CIE) já mostrava a preocupação dos militares com o lançamento do jornal. O relatório feito pelo órgão apontava que o surgimento e divulgação do periódico “permite antever a circulação dirigida de mais uma publicação que abrangerá temas atentatórios à moral e contestatórios à ordem e ao regime” porque defendia “homossexuais como atividade normal” (Quinalha, 2021, p. 4).

Já em agosto do mesmo ano os editores do jornal foram acusados de atentado à moral e bons costumes pelo Ministério da Justiça. Segundo João Silvério Trevisan, a carta enviada pela Polícia Federal que solicitava o inquérito chamava os editores do “Lampião” de pessoas que sofriam “graves problemas comportamentais”. Anos depois, o próprio Trevisan descobriu que o estopim para a abertura do inquérito foi uma matéria que havia sido escrita por ele chamada “Mas qual é o crime deste rapaz?”. No texto, Trevisan criticava o processo da União contra o jornalista Celso Curi¹¹. Em 1979, o inquérito contra o “Lampião” foi arquivado por falta de provas (Péret, 2012, p. 56).

No parecer que resultou no arquivamento do inquérito contra o jornal, o procurador da República Sérgio Ribeiro da Costa ponderou sobre o conceito de “moral

¹¹ O jornalista abertamente gay Celso Curi escrevia sobre vivências gays e ainda respondia a cartas de leitores na popular “Coluna do meio” do jornal Última Hora. Foi aberto um inquérito contra Curi por uma incursão no Artigo 17 da Lei da Imprensa, relativa à acusação de “ferir a moral e os bons costumes” (Pereira, 2017, p. 74).



e bons costumes” alegado pelo governo militar no processo contra o Lampião. Porém, o processo não foi a única repressão sofrida pelo jornal. Além de diversas tentativas de sanções pelos militares, donos de banca boicotavam a publicação e grupos paramilitares chegaram a explodir bombas caseiras em bancas que vendiam o jornal (Péret, 2012, p. 53).

Em junho de 1981, o jornal parou de circular. Em seus últimos anos, o “Lampião” havia ficado mais sensacionalista, com fotos sensuais em suas capas e matérias com temas mais sexuais, como masturbação e sadomasoquismo (Ferreira, 2010, p. 11). O intuito das novas temáticas abordadas pelo Lampião era conquistar novos públicos e, conseqüentemente, alavancar as vendas do periódico. Essa mudança editorial foi motivo de conflito entre os editores e conseqüentemente gerou o fim do periódico.

3.3 A representação do homem gay no “Lampião da Esquina”

Ao pensarmos na representação do homem gay no “Lampião da Esquina”, faz-se necessário ressaltarmos um fato de sua origem. O jornal surge a partir da reunião de 11 homens brancos, todos com formação universitária e experiência no trabalho com questões sociais e escrita literária, como jornalistas, artistas e antropólogos. Assim, Oliveira (2018, p. 30) pontua que o nascimento do movimento gay no Brasil, que teve seu estopim com a criação do Lampião, foi feito por uma elite burguesa intelectual.

Isso não passou despercebido pelos leitores do jornal. Logo nas primeiras edições do Lampião, veio à tona a divisão entre os “entendidos” e as “bichas”. Oliveira (2018) recupera a definição dada por um dos consumidores do Lampião, que enviou uma carta criticando a publicação. Na edição de 1978 (p. 14), o leitor define que os “entendidos” se denominam dessa forma e são “pertencentes à classe média (embebida nos preconceitos burgueses e se recusam a serem chamados de bicha)”. Criticando os editores do jornal, o leitor ainda dizia que os “entendidos” “têm, para si, este valor sexual ‘invertido’ e assumem todos os outros valores do sistema, da sociedade vigente”.

Por outro lado, “as bichas”, segundo o leitor, seriam aqueles homens homossexuais que:



irritam e enjoam os entendidos [...] são pessoas originárias de uma classe social mais baixa e oprimida, onde as artificialidades da burguesia não atingiram tanto, os preconceitos não se arraigaram tanto, e nem há tantas informações culturais, de padrões e valores que possam criar uma estrutura capaz de aguentar por mais tempo a repressão vigente” (Lampião, edição 4, 1978, p. 14 apud Oliveira, 2018, p. 30).

Oliveira ainda levanta diversas outras críticas de leitores que acentuavam essa divisão social, e apontavam que as diferentes vivências dos homens gays e outros membros da comunidade LGBT não estavam sendo representados nas primeiras edições do jornal. “E o povão? Eu acho que vocês deveriam fechar mais com o bicharéu, para não parecer um jornal muito elitista. Afinal, vocês podem ser todos muito granfinos, mas o jornal não pode dar bandeira sobre isso. Onde estão as travestis? Por que não tem uma no conselho do Lampião?” (Lampião, edição 4, 1978, p.19 apud Oliveira, 2018, p. 33). Bandeira (2006, p. 49) ainda afirma que esse perfil “intelectualizado” dos criadores do jornal estava presente tanto na “estilística” da publicação e linguagem dos textos quanto nos posicionamentos defendidos pelos autores em editoriais.

Após essas primeiras edições, reportagens que abordam pautas relacionadas a mulheres, negros e indígenas começam a surgir no Lampião, fazendo o jornal inclinar-se para um ativismo em prol de minorias como um todo (Oliveira, 2018, p.33). Mesmo assim, Schultz e Barros (2014, p.57) ressaltam que, apesar de o conselho do Lampião, formado pelos criadores do jornal, afirmar esse novo posicionamento por meio de reportagens focadas em outras minorias, o que prevaleceu foram textos feitos por e para os homens gays.

A própria equipe do jornal chegou a se defender dessas acusações, comentando sobre a falta de presença feminina nas páginas da publicação: “A ausência de mulheres em Lampião não é, fique bem explicado, por culpa do conselho editorial; convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição” (Lampião, abril de 1978, p. 5 apud Schultz; Barros, 2014, p. 57).

Ressaltamos ainda um termo resgatado por Siqueira e Dias (2019, p. 370) das páginas do Lampião. “Minoria dominante” foi usado em um editorial do jornal a fim de levantar essa bandeira da união entre grupos marginalizados. De acordo com o texto



do “Lampião”, uma junção entre essas pessoas vulnerabilizadas e reprimidas poderia formar uma “minoridade dominante” que seria numericamente superior à elite branca brasileira.

Rosa pondera em sua tese (2019, p. 39) que a união entre as pessoas que se encontravam à margem da sociedade era necessária para que um grande número de membros da comunidade LGBT na época pudessem lutar contra a opressão que estava sendo vivida por esses grupos. O autor ainda acredita que uma união da comunidade LGBT como o Lampião se propôs a fazer não seria possível nos dias atuais, por não conseguir abarcar as diversas sexualidades e identidades de gênero. Mas é necessário ponderarmos, com as críticas em relação à falta de diversidade nas páginas do Lampião, se já essa dificuldade em abarcar toda a comunidade LGBT já não era um problema enfrentado pelo jornal nos anos 70.

Quando falamos da representação do homem gay no “Lampião” é imprescindível citarmos a coluna “Cartas na Mesa”. Como pode ser visto em citações acima, até cartas com duras críticas dos leitores eram publicadas nas páginas da publicação. Mas, além disso, a coluna de cartas era também um espaço de convivência e desabafo.

Os diversos relatos e cartas que vinham de outras cidades, estados e países colaboravam para propagar o sentido de pertencimento social dos homens gays e da construção dessa noção de comunidade, tanto prezada pelos criadores do Lampião. Bandeira (2006, p. 96) resgata um relato que explicita isso: “lendo esse jornal, não se sinto mais uma carta fora do baralho, antes eu me sentia complexado perante a todos, agora é diferente” (Lampião, jul.-ago. 1978, p. 15 apud Bandeira, 2006, p. 96).

Esse sentimento de não pertencimento à sociedade também foi tema de muitas cartas em que os homens gays desabafavam sobre a visão que a sociedade heteronormativa tinha sobre a sexualidade na época e repressão causada por isso. Simões Júnior (2006) recupera uma carta que exemplifica como a homossexualidade era tratada na época: como doença. E não era comum que homens gays se sentissem não apenas como “cartas fora do baralho”, mas como se fossem anormais, doentes:



Há dias que tenho vontade de me matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando a minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando eu passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir, mas não tenho meios. Além disso, sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo para que ninguém o descobrisse comigo. Agora estou escrevendo, mas nem sei para quê. Será que vocês podem me ajudar? (Lampião, edição 0, abr 1978, p. 14, apud Simões Jr., 2006, p. 81).

Pedidos de socorro como esse, além de relatos de violência contra esses homens e avisos relacionados à segurança dos gays eram comuns no “Cartas na Mesa”. Bandeira (2006, p.91) comenta que essas denúncias feitas pelos leitores representavam um novo modo de representar esses grupos na mídia. Isso porque, na época, a figura dos homossexuais era associada a criminosos e “desviantes” por jornais como o Notícias Populares e a revista Manchete. Com os relatos expostos pelo Lampião, os homens gays “saíram das sombras” e mostravam que eram as vítimas de diversos tipos de violência.

Em suas últimas edições, o “Lampião” teve uma guinada sensacionalista. Como já dito, o jornal afastou-se da militância e passou a focar em temas sexuais, como sadomasoquismo e masturbação. A mudança foi feita para atrair novos leitores, que possivelmente não se interessariam pela militância LGBT da época ou que não se identificariam com os textos dos “entendidos”. Porém, conseqüentemente, as novas pautas mostravam que o “Lampião” já estava distante dos movimentos e grupos de luta LGBT que surgiram ao longo as edições do jornal.

Essas últimas edições muitas vezes podem ofuscar as diversas conquistas que o jornal trouxe para a comunidade LGBT, principalmente em uma época de repressão no país. Nesse sentido, Schultz e Barros (2014, p. 61) pontuam que o “Lampião” não conseguiu dissociar a imagem do homem gay com a de alguém essencialmente sexual, já que o sexo foi muito abordado pela publicação.

Apesar desses problemas apontados, é sempre necessário lembrar a importância do Lampião para a população LGBTQIAP+ contemporânea. O jornal foi precursor em formar a comunidade como conhecemos, seja por esse senso de união e



apoio entre os homens gays como vemos nas cartas de leitores, seja pela falta de espaço dado para as mulheres, o que resultaria na criação da imprensa lésbica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar como o homem gay foi representado no jornal *Lampião da Esquina* ao longo de seus três anos de circulação nacional, em cerca de 37 edições publicadas mensalmente. Ao retomarmos as considerações de Foucault (1998) sobre a sexualidade e a forma com que a homossexualidade é reprimida e condenada em detrimento da “normalização” da heterocisnormatividade, percebemos que a ideia inicial do *Lampião* era justamente combater essa visão vigente em uma sociedade opressora, com o agravante do autoritarismo dos militares que estavam no poder à época.

A proposta do primeiro editorial escrito pelo grupo de gays chamados pelos leitores de “entendidos”, ou seja, intelectuais, em que defendiam a saída dos homossexuais do “gueto”, confrontou a ideia de que a heterossexualidade é o “normal” e o que deve ser aceito pela sociedade. Essa compreensão conservadora da heterossexualidade como o “correto” ainda permeia grande parte da sociedade atual, porém, não há dúvidas de que o *Lampião* ajudou a combater isso. O grupo SOMOS, que é o primeiro coletivo LGBT brasileiro, surgiu em 1978, ano de criação do jornal. Alguns anos depois, ainda com o *Lampião* em circulação, o professor Luiz Mott formaria o Grupo Gay da Bahia, em 1980.

Essa ideia do *Lampião* de “tirar o homem homossexual do armário” em que foi colocado pela sociedade brasileira e, naquela época, pela Ditadura Militar vigente, era colocada em prática por diversos leitores, como mostram diversas cartas por eles enviadas ao jornal. As correspondências, vindas de diversos endereços e de cidades grandes e pequenas, ajudaram a criar um senso de comunidade entre os homens gays e mostrar que, mesmo em tempos repressores, ainda era possível que os homossexuais mostrassem sua existência à sociedade e clamassem por mais direitos.

Porém, é necessário apontar alguns problemas apresentados pela publicação paulista-carioca. As reclamações de leitores de que o jornal seria feito apenas por entendidos e por homens gays brancos e de elevadas classes sociais foi um



questionamento válido. Caso o jornal não tivesse sido fundado por esses 11 homossexuais das elites econômicas, que puderam criar uma editora e colocar a publicação nas bancas, muito dificilmente ele teria bem-sucedido e sido um dos precursores do movimento LGBT brasileiro. Essa situação pode nos trazer uma reflexão sobre, se em nossa sociedade, todos os movimentos minoritários têm de ser cerceados, ou “autorizados” por uma classe dominante.

Em uma das cartas de leitores, a crítica de que os autores não estariam ouvindo os homens gays “do povo” e que o linguajar das matérias e editoriais soava como se eles estivessem “dando aula” ao público evidencia que o jornal tinha um problema para acolher a comunidade como um todo. Se já existia uma dificuldade em dialogar plenamente com outros homens gays, imagine com outros integrantes da sigla LGBT.

De fato, existiram longas reportagens sobre mulheres lésbicas e travestis. Mas, como já apontado neste relatório, cartas dos leitores “lampiônicos” pediam por mais espaço de mulheres e travestis no jornal. Depois dessas reclamações, esses espaços começaram a surgir. Ou seja, essa decisão de ser mais inclusivo nas páginas do jornal pode ter sido iniciativa do conselho editorial, mas também pode ter sido pressão dos leitores. Reforçamos novamente o pensamento de que, de fato, o Lampião não conseguiria abarcar todas as identidades da comunidade LGBT. Não simplesmente porque hoje os tempos mudaram e as identidades são diversas, mas porque, já nas décadas de 70 e 80, a publicação não conseguia lidar com outras identidades sem ser a do homem gay.

Analisar o fim do jornal é um tanto melancólico, porque, em suas últimas publicações, o jornal vai de encontro ao que havia proposto logo em seu primeiro editorial. Como citado ao longo da pesquisa, em suas últimas edições, a publicação passou a abordar temas sexuais, como masturbação e sadomasoquismo. Peças como essas, do modo com eram tratadas, com sensacionalismo, reforçam os estereótipos do homem gay, e da homossexualidade como algo ligado apenas às práticas sexuais. Novamente a figura do homem gay cai nas “sombras”, no vulgar e no chocante apenas para conquistar novos assinantes.

Apesar dessas problemáticas, o pioneirismo do Lampião da Esquina é inegável. As cartas de leitores, os editoriais e até textos como “Assumir-se? Por quê?” (maio,



1978) ajudaram a criar um senso de comunidade para os homens gays, dando espaço a certas discussões em suas páginas. Porém, até mesmo por não dar pouco espaço à homossexualidade feminina, o periódico acabou estimulando a criação de uma imprensa voltada a esse grupo. Para o bem ou para o mal, o Lampião foi a base para o movimento LGBTQIAP+ que tempos hoje.

Por fim, queremos pontuar que esta pesquisa utilizou-se estritamente da revisão bibliográfica em sua metodologia. Acreditamos que tendo acesso às edições do Lampião em si, lendo seus textos e analisando suas capas, poderíamos elevar a discussão aqui apresentada e trazer outros pontos que não foram aqui desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 32-50.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A imprensa brasileira nos “anos de chumbo”. **Akrópolis – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, v. 11, n. 2, 2003.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?** sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa. 2006. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/12924> > Acesso em: 12 abr. 2023.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. **O Lampião da Esquina: Uma voz homossexual em tempos de fúria (1978-1981)**. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

CIRINO, Oscar. O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault. **Mental**, Barbacena, v.5, n.8, p.77-89, jun.2007.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30887> > Acesso em: 19 maio 2023.

DE CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal; NETO, Luiz Ferraz de Sampaio. Sexualidade e Gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/35351> >. Acesso em: 9.abr.2023.

FERREIRA, Carlos. Imprensa Homossexual: Surge o Lampião da Esquina. **Alterjor**, v.1, 2010. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195> > Acesso em: 8 abr. 2023.



FERNANDES, Juliana et al. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Clínica & Cultura**, v.4, n.1, p. 14-28, jan/jun. 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no Jornalismo**: Bases para sua delimitação teórica. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf> > Acesso em: 10 ago. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; TESSER JÚNIOR, Zeno Carlos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lâmpião da Esquina” (1978-1981). **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/NHyRMqvnbKvtHqbMPPJVRRv/?lang=pt#>>

OLIVEIRA, Daniel Amorim Braga de. **Do Lâmpião da esquina a Pablo Vittar**: uma análise comparativa da representação do movimento LGBT através de abordagens discursivas. 2018. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/8649>>. Acesso em: 8 set. 2023.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **"Gay-macho", "travesti" ou "bicha pintosa"?** - A produção discursiva sobre representações homoeróticas no Jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981). 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017. Disponível em: <<https://tede.unioeste.br/handle/tede/3158>> Acesso em: 8 set. 2023

PERÉT, Flávia. **A história da imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

QUINALHA, Renan. Lâmpião da Esquina na mira da ditadura hétero-militar de 1964. **Cadernos Pagu**, n. 61, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/SHVG63XcvL7Tz4Rp3FDBNMB/?lang=pt#> > Acesso em: 8.abr.2023

ROSA, Bruno Rosa da. **“Não é brincadeira de bicha”**: Um estudo sobre representações homossexuais no jornal Lâmpião da Esquina. 2019. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2019.

SANTOS, Jordana. A Repressão ao movimento estudantil na ditadura militar. **Aurora**, ano 3, n. 5, p. 101-108, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf> > Acesso em: 10 ago. 2023.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia Marcondes de. O Lâmpião da Esquina: Discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. **Revista de Estudos da Comunicação**, v.15, n.36, p.49-63, jan/abr, 2014. Disponível em:



<https://www.researchgate.net/publication/324623049_O_lampiao_da_esquina_discussoes_de_genero_e_sexualidade_no_Brasil_no_final_da_decada_de_1970/link/5ad98957aca272fdaf8215fo/download> Acesso em: 8 abr. 2023.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano.

Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12612>> Acesso em: 19 maio.2023

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. ‘**E havia um lampião na esquina**’- Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil no fim da ditadura (1978-1980). 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SIQUEIRA, Karulliny.; DIAS, Mauro Roberto Fonseca. “Buscando espaços, criando conceitos”: a construção da identidade homossexual masculina a partir da linguagem dos periódicos Snob e Lampião da Esquina. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 355–375, dez.2019. Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/92973>>. Acesso em: 8 set. 2023.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 51-61.

TELLES, Marcio; ASSUMPÇÃO, Dora. Pesquisa bibliográfica na comunicação: a leitura de campo e sua problemática. In: ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Org.). **Experiências metodológicas na comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 144-156.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.